

## O DESAMPARO NA METAPSIKOLOGIA FREUDIANA: ENTRE A CONDIÇÃO ESTRUTURAL E A DIMENSÃO ECONÔMICA DO PSIQUISMO

HELPLESSNESS IN FREUDIAN METAPSYCHOLOGY: BETWEEN THE STRUCTURAL CONDITION AND THE ECONOMIC DIMENSION OF THE PSYCHE

LA INDEFENSIÓN EN LA METAPSIKOLOGÍA FREUDIANA: ENTRE LA CONDICIÓN ESTRUTURAL Y LA DIMENSIÓN ECONÓMICA DE LA PSIQUE

Sérgio Juan Cruz Severo<sup>1</sup>

Marlindo Santos Araújo<sup>2</sup>

Denise Dias Almeida<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo examina a noção de desamparo (Hilflosigkeit) na obra de Sigmund Freud, investigando suas implicações para a constituição do psiquismo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza teórico-conceitual, fundamentada na metapsicologia freudiana e em contribuições da releitura lacaniana. A análise tem como eixo principal textos como *Projeto para uma Psicologia Científica*, *Além do Princípio do Prazer*, *Inibição*, *Sintoma e Angústia* e *O Mal-Estar na Civilização*, buscando compreender o desamparo não apenas como uma condição biológica inicial, mas como um operador estrutural do funcionamento psíquico. Sustenta-se que o desamparo inaugura a inserção do sujeito no campo da alteridade e da linguagem, reaparecendo ao longo da vida nas experiências de perda, perigo e excesso de excitação que excedem a capacidade de elaboração psíquica. Discute-se ainda a relação entre desamparo, angústia, trauma e simbolização, a partir do jogo do Fort-Da, compreendido como uma tentativa de elaboração psíquica da ausência. Conclui-se que o desamparo ocupa um lugar central na metapsicologia freudiana, operando simultaneamente como condição originária da constituição subjetiva e como limite estrutural do aparelho psíquico.

1

**Palavras-chave:** Desamparo. Constituição do psiquismo. Psicanálise freudiana.

**ABSTRACT:** This article examines the notion of helplessness (Hilflosigkeit) in the work of Sigmund Freud, investigating its implications for the constitution of the psyche. It is a bibliographic study of a theoretical-conceptual nature, grounded in Freudian metapsychology and in contributions from Lacanian rereading. The analysis is primarily based on texts such as *Project for a Scientific Psychology*, *Beyond the Pleasure Principle*, *Inhibition*, *Symptom and Anxiety*, and *Civilization and Its Discontents*, seeking to understand helplessness not merely as an initial biological condition, but as a structural operator of psychic functioning. It is argued that helplessness inaugurates the subject's insertion into the field of alterity and language, reappearing throughout life in experiences of loss, danger, and excess excitation that exceed the psyche's capacity for elaboration. The article also discusses the relationship between helplessness, anxiety, trauma, and symbolization through the Fort-Da game, understood as an attempt at the psychic elaboration of absence. It is concluded that helplessness occupies a central place in Freudian metapsychology, operating simultaneously as an original condition of subjective constitution and as a structural limit of the psychic apparatus.

**Keywords:** Helplessness. Constitution of the psyche. Freudian psychoanalysis.

<sup>1</sup>Mestre em Psicologia UNIVASF.

<sup>2</sup>Especialista em Saúde Mental.

<sup>3</sup>Doutora em Psicologia Cognitiva UFPE.

**RESUMEN:** El presente artículo examina la noción de desamparo (*Hilflosigkeit*) en la obra de Sigmund Freud, investigando sus implicaciones para la constitución del psiquismo. Se trata de una investigación bibliográfica, de naturaleza teórico-conceptual, fundamentada en la metapsicología freudiana y en contribuciones de la relectura lacaniana. El análisis toma como eje principal textos como *Proyecto de psicología para neurólogos*, *Más allá del principio del placer*, *Inhibición, síntoma y angustia* y *El malestar en la cultura*, buscando comprender el desamparo no solo como una condición biológica inicial, sino como un operador estructural del funcionamiento psíquico. Se sostiene que el desamparo inaugura la inserción del sujeto en el campo de la alteridad y del lenguaje, reapareciendo a lo largo de la vida en experiencias de pérdida, peligro y exceso de excitación que exceden la capacidad de elaboración psíquica. Se discute además la relación entre desamparo, angustia, trauma y simbolización, a partir del juego del Fort-Da, comprendido como un intento de elaboración psíquica de la ausencia. Se concluye que el desamparo ocupa un lugar central en la metapsicología freudiana, operando simultáneamente como condición originaria de la constitución subjetiva y como límite estructural del aparato psíquico.

**Palabras clave:** Desamparo. Constitución del psiquismo. Psicoanálisis freudiano.

## I. INTRODUÇÃO

A noção de desamparo, apresentada por Sigmund Freud sob o termo *Hilflosigkeit*, constitui um dos pontos de partida da teoria psicanalítica acerca da constituição do psiquismo. Longe de representar apenas uma condição biológica inicial, o desamparo é concebido como uma experiência originária que inaugura a vida psíquica e inscreve o infante em uma relação estrutural de dependência em relação ao outro (Freud, 1895/1996).

Nesse sentido, o desamparo marca, desde o início, a economia libidinal, uma vez que os investimentos pulsionais dependem da intervenção do outro para que as necessidades orgânicas encontrem vias de satisfação (Freud, 1905/1996). É o outro quem exerce a função de mediação entre a excitação corporal e sua inscrição psíquica, possibilitando a constituição de representações e a organização do aparelho psíquico (Freud, 1895/1996). Dessa forma, a condição de desamparo introduz uma dimensão de alteridade constitutiva para o campo do desejo, na medida em que a satisfação nunca se dá de forma autossuficiente, mas mediada pela relação com o outro (Freud, 1926/1996).

No *Projeto para uma Psicologia Científica*, Freud (1895/1996) descreve o recém-nascido como submetido a um excesso de excitação que ele próprio é incapaz de dominar. A impossibilidade de realizar a ação específica<sup>4</sup> necessária à descarga da tensão impõe a

---

<sup>4</sup> Termo descrito por Freud (1985/1996) em *O Projeto para uma psicologia científica*, por meio de cartas localizadas em suas correspondências a Wilhelm Fliess.

intervenção de um outro, cuja presença se torna condição de sobrevivência e, simultaneamente, de inscrição psíquica. A experiência inaugural de satisfação não apenas reduz a tensão somática, mas deixa traços mnêmicos que fundam o circuito do desejo e estabelecem a dependência estrutural do sujeito em relação à alteridade.

Essa dependência inicial não se esgota na dimensão da necessidade orgânica, pois a mediação do outro introduz o campo da representação psíquica, organizando a experiência em termos de presença e ausência (Freud, 1895/1996). Nessa direção, o desamparo pode ser compreendido como condição de possibilidade da simbolização, uma vez que é a partir da ausência e da impossibilidade de satisfação imediata que se impõe a necessidade de representação. Desde essa perspectiva, a constituição subjetiva encontra-se vinculada à experiência da falta e à impossibilidade de autossuficiência.

É precisamente nesse ponto que a elaboração freudiana do jogo do *Fort-Da*, apresentada em *Além do Princípio do Prazer*, torna-se elucidativa. Ao descrever essa cena, Freud (1920/1996) evidencia como a criança procura elaborar simbolicamente a ausência do objeto materno. Por meio da repetição do desaparecimento e do retorno do objeto, a criança transforma uma vivência inicialmente passiva de perda em uma atividade representacional. Com isso, inaugura-se um primeiro domínio simbólico sobre a experiência de ausência. Esse movimento não implica a eliminação do desamparo, mas indica que a resposta psíquica a essa condição se realiza pela via da repetição, possibilitando progressivamente a simbolização da perda.

A articulação entre desamparo e angústia torna-se ainda mais explícita em *Inibição, Sintoma e Angústia*, quando Freud (1926/1996) reformula sua primeira teoria da angústia e a vincula à situação de perigo associada à perda do objeto. A angústia passa a ser concebida como sinal diante da ameaça de retorno à condição primordial de desproteção, enquanto a situação traumática corresponde ao estado em que o sujeito se encontra novamente em condição de desamparo.

Nessa perspectiva, a angústia deixa de ser compreendida como produto direto do recalque e passa a assumir a função de operador psíquico fundamental, permitindo ao Eu antecipar e responder às situações de perigo. Tal reformulação evidencia que o desamparo não se reduz a uma condição factual, mas opera como referência estrutural do funcionamento do aparelho psíquico, reaparecendo sempre que o sujeito se vê confrontado com a impossibilidade de garantir sua própria estabilidade diante das exigências internas e externas.

Em *O Mal-Estar na Civilização*, Freud (1929-30/1996) amplia essa discussão ao demonstrar que a condição humana permanece atravessada por formas renovadas de impotência. A vulnerabilidade frente às forças da natureza, à fragilidade do corpo e à complexidade dos vínculos sociais reatualiza continuamente a experiência de desamparo. A exigência de renúncia pulsional imposta pela cultura evidencia que o desamparo não pertence apenas à infância, mas acompanha estruturalmente o sujeito em sua inserção no laço social.

Essa permanência do desamparo ao longo da vida permite compreendê-lo não apenas como experiência inaugural, mas como um limite constante do aparelho psíquico, sobretudo nas situações em que os recursos simbólicos e defensivos se mostram insuficientes nas diferentes formas de relação do sujeito com o mundo e com os outros. É nesse ponto que se torna possível articular a contribuição freudiana com desenvolvimentos posteriores.

A releitura proposta por Jacques Lacan permite enfatizar essa dimensão estrutural ao articular o desamparo à dependência do sujeito em relação ao desejo do Outro e à sua inscrição na linguagem (Lacan, 1958/1998). A falta deixa de ser concebida como contingência para operar como condição constitutiva do sujeito do inconsciente. Ainda que este estudo se centre na obra freudiana, a interlocução com desenvolvimentos posteriores possibilita circunscrever com maior precisão a função estrutural do desamparo em sua metapsicologia.

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de natureza teórico-conceitual, fundamentada na metapsicologia freudiana e em contribuições da releitura lacaniana. O percurso metodológico consistiu na análise e articulação de textos centrais da obra de Freud relacionados à noção de desamparo, especialmente no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895[1996]), *Além do Princípio do Prazer* (1920[1996]), *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926[1996]) e *O Mal-Estar na Civilização* (1929-30[1996]), buscando compreender as implicações da *Hilflosigkeit* para a constituição do aparelho psíquico.

Diante desse percurso, coloca-se como problema central compreender de que modo o desamparo, longe de configurar uma etapa evolutiva superável, opera como fundamento da constituição do psiquismo. O objetivo deste artigo é compreender a noção de desamparo na obra freudiana, investigando suas implicações para a estruturação do aparelho psíquico. Sustenta-se que o desamparo constitui um operador estrutural do funcionamento psíquico diante da falta constitutiva.

Ao delimitar a concepção de desamparo na teoria freudiana, estabelecem-se as bases para a análise desenvolvida na seção seguinte, dedicada à concepção da *Hilflosigkeit* no *Projeto para*

uma *Psicologia Científica*. Busca-se evidenciar como a condição inaugural de dependência do humano se inscreve e passa a operar no funcionamento do aparelho psíquico.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O DESAMPARO E A CONSTITUIÇÃO DO PSIQUISMO

É possível situar que o desamparo (*Hilflosigkeit*) aparece inicialmente como condição biológica do recém-nascido, marcado por uma incapacidade de autoconservação e pela dependência de um outro que possa prestar auxílio (Freud, 1895/1996). Contudo, essa experiência originária não se restringe aos fatores biológicos. Ela se inscreve progressivamente no funcionamento do aparelho psíquico, tornando-se um operador fundamental na organização das experiências psíquicas, sobretudo na maneira como o sujeito lida com a tensão, a satisfação e a falta (Freud, 1905/1996; Freud, 1915/1996). O desamparo deixa de ser apenas um dado inicial da vida e passa a constituir uma referência constante que orienta os modos de resposta do sujeito frente às exigências pulsionais e às contingências do mundo externo (Freud, 1926/1996).

No Projeto para uma *Psicologia Científica*, Freud (1895/1996) descreve o recém-nascido como submetido a uma intensidade de excitação que ele próprio é incapaz de dominar. As descargas motoras diretas, como o choro e a agitação, mostram-se insuficientes para promover a redução da tensão interna, exigindo a intervenção de um outro capaz de realizar a ação específica necessária à satisfação. A experiência de satisfação não apenas reduz a tensão somática, mas deixa traços mnêmicos que passam a organizar o funcionamento do aparelho psíquico.

Nessa perspectiva, o desamparo evidencia a insuficiência dos meios próprios do aparelho psíquico para promover a redução da excitação, exigindo a intervenção do outro (Freud, 1895/1996). A dependência inicial não se limita ao atendimento das necessidades vitais, mas introduz o sujeito em uma relação constitutiva com a alteridade, uma vez que é pela mediação do outro que a excitação pode adquirir inscrição psíquica. O desamparo, portanto, não se define apenas pela dependência empírica do outro, mas por uma limitação estrutural do aparelho psíquico em operar, por si só, a regulação da excitação (Freud, 1926/1996).

Freud (1929-30/1996), ao discutir o chamado “sentimento oceânico”, permite compreender que determinadas experiências podem recolocar o sujeito em uma posição próxima ao desamparo originário. Nesses momentos, a delimitação do Eu se enfraquece diante da intensidade das excitações, produzindo um efeito de regressão a modos mais primitivos de

funcionamento psíquico. O sujeito se vê confrontado com uma diminuição da capacidade de ligação, o que recoloca, sob outra forma, a incidência do desamparo enquanto limite do trabalho psíquico.

Nesse sentido, torna-se fundamental a noção de ligação (*Bindung*), entendida como o processo pelo qual a excitação é associada a representações, permitindo sua inscrição no aparelho psíquico (Freud, 1920/1996). A excitação, em seu estado bruto, tende à descarga imediata. No entanto, é apenas por meio de sua ligação a traços mnêmicos que ela pode adquirir consistência psíquica (Freud, 1895/1996). O trabalho do aparelho psíquico consiste, em grande medida, em transformar a excitação em excitação ligada a representações (Freud, 1920/1996).

A noção de desamparo percorre diferentes momentos da obra freudiana. Inicialmente formulada no Projeto para uma Psicologia Científica como condição originária do infante, ela reaparece em Inibição, Sintoma e Angústia articulada à emergência da angústia como sinal de perigo diante de uma situação de desamparo. Posteriormente, em *O Mal-estar na Civilização*, Freud (1929-30/1996) amplia essa concepção ao indicar que a vulnerabilidade humana diante do corpo, da natureza e das relações sociais constitui uma atualização permanente dessa condição originária.

## 2.2 DESAMPARO, EXPERIÊNCIA DE SATISFAÇÃO E SIMBOLIZAÇÃO

A partir do desamparo fundamental, a satisfação das necessidades orgânicas inaugura a experiência primária de satisfação. Freud (1900/1996), em *A Interpretação dos Sonhos*, sustenta que a realização do desejo ocorre pela revivescência alucinatória das imagens perceptuais associadas à satisfação anterior. Quando a necessidade retorna, o aparelho psíquico tende a reinvestir a imagem mnêmica vinculada à primeira experiência de satisfação, buscando restabelecer a situação anteriormente vivida.

Tomando como exemplo a experiência do bebê diante da fome, Freud (1895/1996) descreve que o grito e o choro não bastam para promover a satisfação da necessidade. A modificação da situação depende da intervenção do outro, responsável por realizar a ação específica capaz de reduzir a tensão interna. A primeira experiência de satisfação deixa traços mnêmicos que passam a orientar os investimentos posteriores do aparelho psíquico.

Freud (1900/1996) afirma que:

Um componente essencial desta experiência de satisfação é uma percepção particular cuja imagem mnemônica permanece associada, daí por diante, ao traço de memória da excitação produzida pela necessidade. Em resultado do elo que é assim estabelecido, na vez seguinte em que essa necessidade desperta, surgirá imediatamente um impulso

psíquico que procurará reinvestir a imagem mnemônica da percepção e re-evocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação de satisfação original (p. 602-603).

A experiência de satisfação organiza-se, portanto, a partir da dinâmica prazer-desprazer, envolvendo aumento, redução e descarga da tensão. Quando o objeto de satisfação não está presente, o aparelho psíquico pode recorrer à satisfação alucinatória como tentativa de reproduzir a experiência anterior e evitar o desprazer (Freud, 1896/1996).

Nesse percurso, torna-se importante distinguir o traço mnêmico da representação propriamente dita. O traço mnêmico refere-se à marca deixada pela experiência, enquanto a representação constitui a organização psíquica que confere forma e sentido a essa marca (Freud, 1895/1996; Freud, 1915/1996). Essa distinção permite compreender como determinadas excitações inicialmente não encontram vias suficientes de simbolização.

Tal dinâmica se articula ainda à diferenciação entre representação-coisa (Sachvorstellung) e representação-palavra (Wortvorstellung). A primeira permanece ligada às experiências sensoriais e constitui uma forma mais primitiva de inscrição psíquica; a segunda relaciona-se à linguagem, possibilitando formas mais elaboradas de simbolização. Nesses pontos de falha entre inscrição e representação, o sujeito pode novamente se confrontar com experiências que escapam à simbolização plena.

Freud (1895/1996) destaca que o sistema nervoso apresenta forte tendência à evitação do desprazer e da dor. A experiência da dor produz repulsa e pode levar o aparelho psíquico a evitar determinadas representações associadas ao sofrimento. Nesse contexto, o choro da criança funciona como uma ação específica que visa provocar uma modificação no mundo externo, atraindo a atenção daquele capaz de promover a satisfação da necessidade e reduzir a tensão interna.

A experiência de satisfação inaugura, assim, os primeiros circuitos de ligação entre excitação, representação e desejo. O estado de desejo produz um investimento na imagem mnêmica do objeto anteriormente associado à satisfação, estabelecendo aquilo que Freud (1895/1996) denomina atração de desejo primária. Ao mesmo tempo, a experiência da dor produz movimentos de defesa e repulsa diante das representações associadas ao desprazer.

Considerando as contribuições de autores contemporâneos da psicanálise, Menezes (2008) compreende o desamparo como uma condição estrutural da constituição subjetiva, implicando a construção de soluções singulares frente à falta e à incompletude. Green (1988), ao abordar as experiências de separação e perda do objeto materno, sustenta que determinadas

rupturas podem ser vividas como experiências catastróficas, produzindo falhas importantes na organização psíquica.

No limite dessas operações, o corpo pode comparecer como lugar de incidência das excitações que não encontram vias suficientes de ligação e simbolização. Nesses casos, o corpo deixa de aparecer apenas como suporte orgânico e passa a operar como via de manifestação de um excesso que escapa à representação psíquica (Lima, 2023). As excitações internas, como fome, sede ou dor, exigem um trabalho psíquico contínuo de elaboração, evidenciando o caráter estrutural do desamparo diante das exigências constantes de ligação.

### 2.3 ANGÚSTIA, TRAUMA E DESAMPARO

A articulação entre desamparo e angústia torna-se mais evidente em Inibição, Sintoma e Angústia, quando Freud (1926/1996) reformula sua primeira teoria da angústia e passa a concebê-la como sinal de perigo diante da ameaça de retorno a uma situação traumática de desamparo. A angústia deixa de ser compreendida como produto direto do recalque e passa a assumir a função de operador psíquico que permite ao Eu antecipar situações de perigo.

Nesse nível, a angústia deve ser compreendida em sua dimensão econômica, como resposta à iminência de uma sobrecarga de excitação que ameaça exceder a capacidade de ligação do aparelho psíquico. Não se trata de um afeto derivado de um conteúdo específico, mas de um sinal que indica risco de desorganização do funcionamento psíquico (Freud, 1926-29/2014).

Freud (1926-29/2014) distingue a angústia automática da angústia-sinal. A primeira corresponde à irrupção traumática de excitações que ultrapassam a capacidade de elaboração do aparelho psíquico; a segunda consiste em uma reação defensiva do Eu diante da ameaça de instauração de uma nova situação traumática. A angústia não deriva diretamente do desamparo, mas da ameaça de retorno a uma situação em que a excitação ultrapassa a capacidade de ligação do aparelho psíquico. Nesse contexto, a perda do objeto adquire importância central. Freud (1925-26/1996) associa a angústia à possibilidade de separação da mãe e à perda do objeto de amor, compreendendo essa experiência como uma das primeiras situações de perigo vividas pelo sujeito. A ausência do objeto pode produzir acúmulo de tensão e reatualizar experiências de desamparo anteriormente vividas.

Freud (1940-41/1996), ao abordar o trauma psíquico, observa que determinados acontecimentos podem provocar uma ruptura no funcionamento psíquico, conduzindo o sujeito à repetição alucinatória da experiência traumática. Nessas situações, a intensidade da excitação

ultrapassa os recursos disponíveis para elaboração psíquica, produzindo perturbações no funcionamento do aparelho. A relação entre trauma e desamparo evidencia que determinadas experiências de perda, separação ou ruptura podem recolocar o sujeito diante da insuficiência de seus recursos simbólicos. Moura (1996) afirma que, na urgência, o sujeito é lançado novamente ao estado inicial de desamparo, revelando a precariedade da condição humana diante da falha dos recursos de simbolização.

Nessa direção, a pulsão deve ser compreendida não como um dado biológico diretamente observável, mas como um conceito teórico que designa a incidência das excitações somáticas sobre o psiquismo. Trata-se de uma exigência de trabalho imposta ao aparelho psíquico, situando-se precisamente na fronteira entre o somático e o psíquico (Freud, 1915/1996).

A releitura proposta por Jacques Lacan permite enfatizar a dimensão estrutural do desamparo ao articulá-lo à dependência do sujeito em relação ao desejo do Outro (Lacan, 1958/1998). O sujeito encontra-se confrontado com um desejo inicialmente opaco e enigmático, diante do qual permanece sem recursos. Nessa perspectiva, o desamparo não se reduz à dependência biológica, mas diz respeito à própria inserção do sujeito no campo da linguagem e da demanda.

A partir dessas formulações, torna-se possível distinguir um desamparo estrutural de um desamparo econômico, ainda que tal distinção não apareça explicitamente sistematizada na obra freudiana. O desamparo estrutural refere-se à condição originária de dependência do sujeito em relação ao outro, enquanto o desamparo econômico diz respeito às situações em que a intensidade das excitações ultrapassa a capacidade de ligação do aparelho psíquico (Freud, 1895/1996; Freud, 1920/1996; Freud, 1926/1996). Tal distinção permite compreender que o desamparo não se restringe a um momento inaugural, mas reaparece sempre que os recursos simbólicos do sujeito se mostram insuficientes diante do excesso pulsional.

#### 2.4 DESAMPARO E MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

Em *O Mal-estar na Civilização*, Freud (1929-30/1996) amplia a discussão acerca do desamparo ao demonstrar que o sofrimento humano decorre de três fontes fundamentais: o próprio corpo, o mundo externo e as relações com os outros. O corpo encontra-se submetido à dor, ao envelhecimento e à morte; o mundo externo apresenta forças destrutivas que escapam ao controle humano; e os vínculos sociais impõem frustrações e conflitos inevitáveis. Essas diferentes fontes de sofrimento evidenciam que o desamparo não se restringe ao início da vida,

mas acompanha estruturalmente a existência humana. A vulnerabilidade diante das exigências pulsionais, das limitações impostas pelo corpo e das tensões inerentes ao laço social recoloca continuamente o sujeito diante de sua condição de insuficiência e dependência (Freud, 1929-30/1996).

Freud (1929-30/1996) aponta ainda que a civilização surge como tentativa de proteção frente às forças da natureza e de regulação dos relacionamentos humanos. A renúncia pulsional imposta pela cultura constitui condição necessária para a vida em sociedade, embora produza inevitavelmente formas de mal-estar. Nesse sentido, o desamparo pode ser compreendido não apenas como condição originária do psiquismo, mas também como motor da própria civilização.

Ao retomar a noção freudiana de desamparo, Lacan (1958-1959/1999; 1964/2008) enfatiza que a dependência do sujeito não se reduz à dimensão biológica, mas implica sua submissão ao campo do Outro, de onde provêm os significantes que organizam a experiência psíquica. A relação com o outro inaugura o campo da demanda, do desejo e da linguagem, evidenciando que a constituição subjetiva está atravessada por uma falta estrutural.

O desamparo, portanto, não configura um estado a ser superado, mas uma condição constitutiva da existência psíquica. O que se torna possível ao sujeito não é eliminar o desamparo, mas construir formas de ligação e simbolização que permitam lidar com as intensidades pulsionais que atravessam a experiência humana (Freud, 1920/1996). O trabalho psíquico pode ser compreendido, assim, como um esforço contínuo de elaboração, no qual o sujeito busca dar destino às excitações por meio de sua inscrição no campo simbólico.

### 3. O JOGO DO FORT-DA E A SIMBOLIZAÇÃO DA AUSÊNCIA

A condição de desamparo que marca o início da vida psíquica encontra uma elaboração singular no jogo do Fort-Da descrito por Freud em Além do Princípio do Prazer (1920/1996). Observando seu neto brincar com um carretel, Freud identifica uma experiência em que o desaparecimento e o reaparecimento do objeto são acompanhados pelas expressões fort (“foi embora”) e da (“está aqui”). Mais do que uma simples brincadeira infantil, trata-se de uma tentativa de elaboração psíquica da ausência, na qual a repetição inaugura uma forma elementar de simbolização.

Freud (1920/1996) descreve a cena da seguinte maneira:

Esse bom menino tinha o hábito, ocasionalmente importuno, de jogar todos os pequenos objetos que alcançava para longe de si [...] ao fazer isso ele proferia com expressão de interesse e satisfação um forte e prolongado o-o-o-o, que [...] significava

“fort” [“foi embora”]. Então, em um segundo momento, o menino puxava de volta o carretel e dizia “da” [“está aqui”] (p. 174).

No primeiro movimento da brincadeira, o objeto desaparece do campo perceptivo da criança; no segundo, retorna. Freud compreende que essa experiência representa a ausência da mãe deslocada para outro objeto. A repetição do desaparecimento e do retorno permite à criança transformar uma vivência inicialmente passiva em uma atividade psíquica mediada pela representação (Freud, 1920/1996). Nessa direção, o Fort-Da evidencia que a simbolização surge articulada à experiência de perda e ausência. A criança passa a representar aquilo que inicialmente experimenta como excesso e descontinuidade, produzindo uma primeira tentativa de elaboração da separação. O jogo não elimina o desamparo, mas constitui uma forma de responder psiquicamente a ele.

Freud (1908/1996), ao abordar as brincadeiras infantis, sustenta que a criança cria um mundo de fantasia investido de intensas quantidades de afeto, mantendo, contudo, uma diferenciação em relação à realidade. Posteriormente, Freud (1911/1996) aponta que o fantasiar possibilita certo afastamento da dependência imediata dos objetos reais, permitindo ao aparelho psíquico construir formas intermediárias de satisfação.

A articulação entre ausência, perda e angústia torna-se ainda mais evidente em Inibição, Sintoma e Angústia, quando Freud (1926/1996) relaciona a experiência de separação à condição de desamparo. A ausência do objeto materno pode ser vivida pela criança como ameaça de perda definitiva, produzindo aumento de tensão e angústia diante da impossibilidade de dominar a situação.

Freud (1926/1996) observa que a criança pequena ainda não distingue claramente a ausência temporária da perda permanente do objeto. A esse respeito, afirma:

Ela não pode ainda distinguir entre a ausência temporária e a perda permanente. A mãe encoraja esse conhecimento [...] fazendo aquela brincadeira tão conhecida de esconder dela o rosto com as mãos e depois, para sua alegria, descobri-lo de novo (p. 165).

É precisamente pela repetição dessas experiências que a criança passa a simbolizar a ausência e construir certa estabilidade diante da separação. A angústia comparece, nesse contexto, como reação ao perigo de perda do objeto e à ameaça de retorno a uma situação de desamparo. A partir dessas formulações, o jogo do Fort-Da pode ser compreendido como uma das primeiras operações psíquicas de simbolização da ausência. A repetição introduz uma tentativa de elaboração da perda, permitindo ao sujeito construir recursos simbólicos frente à experiência de desamparo que atravessa a constituição psíquica.

#### 4. O DESAMPARO NA RELEITURA LACANIANA

Jacques Lacan retoma a noção freudiana de desamparo articulando-a à dependência estrutural do sujeito em relação ao Outro. Em sua releitura do Fort-Da, Lacan (1957-58/1999) compreende o jogo como uma experiência inaugural da entrada da criança no campo do simbólico, sustentada pela alternância entre presença e ausência.

Ao comentar as observações de Freud sobre o Fort-Da, Lacan (1957-58/1999) afirma que:

A partir do momento em que a criança começa simplesmente a poder opor dois fonemas, eles já são dois novos vocábulos [...] o objeto, a mãe, já existem aí quatro elementos, o que é suficiente para conter em si virtualmente toda a combinatória da qual irá surgir a organização do significante (p. 231).

Nessa perspectiva, o Fort-Da deixa de ser compreendido apenas como uma brincadeira ligada à perda do objeto e passa a evidenciar a inserção da criança na ordem simbólica. A alternância entre presença e ausência inaugura uma organização significativa pela qual a experiência pode adquirir representação. Lacan (1956-57/1995) sustenta ainda que o Fort-Da constitui um primeiro movimento de simbolização da falta. A ausência da mãe é vivida como experiência traumática, mas a repetição do jogo permite à criança produzir uma resposta simbólica diante dessa perda. O desamparo passa então a ser articulado não apenas à dependência biológica, mas à relação do sujeito com o desejo do Outro.

Nessa direção, Lacan (1958-59/2016) retoma o *Hilflosigkeit* freudiano para indicar uma posição estrutural de falta de recursos diante do desejo enigmático do Outro. O sujeito encontra-se inicialmente submetido a um campo de significantes que o antecede e no qual depende do reconhecimento do Outro para constituir-se subjetivamente. Essa formulação aparece também nas elaborações sobre o estágio do espelho. Lacan (1949/1998) sustenta que a constituição do Eu não decorre apenas da maturação orgânica, mas depende da identificação com a imagem fornecida pelo outro. O olhar do Outro antecipa para a criança uma unidade corporal ainda inexistente do ponto de vista da experiência motora e psíquica.

Assim, o corpo deixa de ser concebido apenas em sua dimensão biológica e passa a ser compreendido como corpo marcado pelos significantes. É na relação com o Outro que o sujeito recebe inscrições simbólicas que organizam sua experiência corporal e psíquica (Lacan, 1949/1998). A releitura lacaniana permite compreender que o desamparo não corresponde simplesmente a uma condição transitória da infância, mas a uma dimensão estrutural da existência psíquica. O sujeito humano encontra-se desde o início atravessado pela falta e pela dependência em relação ao Outro, sendo a simbolização uma resposta possível diante dessa condição.

Desse modo, o desamparo não pode ser eliminado, mas apenas elaborado por meio das operações simbólicas que possibilitam ao sujeito construir formas de lidar com a ausência, a perda e o excesso de excitação. A constituição subjetiva aparece, portanto, intrinsecamente articulada à experiência de falta e à necessidade permanente de simbolização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo central compreender a noção de desamparo (*Hilflosigkeit*) na obra freudiana, destacando suas implicações para a constituição do psiquismo. Ao longo do percurso desenvolvido, foi possível sustentar que o desamparo não se limita a uma condição inicial da vida, mas se configura como um operador estrutural que atravessa toda a experiência subjetiva.

Inicialmente, ao retomar as formulações de Freud no Projeto para uma Psicologia Científica, evidenciou-se que o desamparo emerge a partir da condição de prematuridade biológica do recém-nascido, marcado pela incapacidade de realizar, por si só, a ação específica necessária à redução das tensões internas. Essa impossibilidade inaugura a dependência do outro, cuja intervenção não apenas assegura a sobrevivência, mas também inscreve as primeiras marcas psíquicas, constituindo o circuito da experiência de satisfação. Desse modo, o desamparo aparece como fundamento inaugural da vida psíquica e da relação do sujeito com a alteridade.

Na sequência, foi possível demonstrar que essa experiência originária não se esgota no campo da necessidade biológica, pois a mediação do outro introduz a dimensão da representação, organizando a experiência em termos de presença e ausência. Nesse ponto, a análise do jogo do Fort-Da evidenciou como o sujeito, desde muito cedo, busca simbolizar a ausência do objeto, transformando uma vivência passiva de perda em uma atividade representacional. Tal movimento indica que o desamparo não é superado, mas elaborado simbolicamente.

Ao avançar para a articulação entre desamparo e angústia, especialmente a partir de Inibição, Sintoma e Angústia, foi possível compreender que a angústia se constitui como um sinal diante da ameaça de retorno à condição de desproteção. A reformulação freudiana da teoria da angústia permitiu situá-la não mais como efeito do recalque, mas como um operador psíquico fundamental que antecipa situações de perigo. Nesse sentido, o desamparo reafirma-se como referência estrutural, reaparecendo sempre que o sujeito se confronta com limites de elaboração psíquica.

A análise das experiências de satisfação e dor aprofundou essa compreensão ao evidenciar que o funcionamento do aparelho psíquico se organiza a partir da tentativa de ligar a excitação a representações. Quando esse processo falha, o sujeito se vê novamente diante de um excesso que não pode ser simbolizado, recolocando-o em uma posição de desamparo. Assim, o desamparo pode ser também compreendido como limite econômico do psiquismo, especialmente nas situações em que há insuficiência de ligação.

Por fim, ao considerar as contribuições de textos posteriores, como *O Mal-estar na Civilização*, foi possível ampliar a discussão para além da infância, demonstrando que o desamparo permanece ao longo da vida, sendo continuamente reatualizado frente às exigências da cultura, às perdas e às contingências da existência. A articulação com autores contemporâneos reforçou a ideia de que as formas atuais de sofrimento psíquico podem ser entendidas como modos de atualização desse desamparo estrutural.

Dessa forma, conclui-se que o desamparo não deve ser concebido como uma etapa a ser superada, mas como uma condição constitutiva do sujeito. Ele se apresenta, simultaneamente, como ponto de origem da vida psíquica e como limite permanente do aparelho psíquico. É precisamente a partir dessa condição que o sujeito é convocado a construir respostas singulares, seja pela via da simbolização ou pela elaboração de seus modos próprios de lidar com a falta. 14

O percurso desenvolvido permitiu sustentar que o desamparo ocupa um lugar central na metapsicologia freudiana, operando como eixo articulador entre constituição subjetiva, angústia, trauma e simbolização. Nessa perspectiva, compreender o desamparo como condição estrutural da experiência subjetiva permite sustentar não apenas uma leitura metapsicológica da constituição do psiquismo, mas também uma escuta clínica atenta aos limites da simbolização e às formas contemporâneas do sofrimento psíquico.

## REFERÊNCIAS

ÁVILA, L. A. O corpo, a subjetividade e a psicossomática. *Tempo psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 1, p. 51-69, jun. 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010148382012000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010148382012000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 mar. 2026.

FREUD, S. (1895[1950]). Projeto para uma psicologia científica. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1896). Carta 46. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1920) Além do princípio de prazer. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1923) O ego e o id. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1925-26). Inibições, sintomas e ansiedade. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1926). Inibição, sintoma e angústia (J. L. Meurer, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 20, pp. 190-195). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1926-29). Inibição, sintoma e angústia. O futuro de uma ilusão e outros textos. Sob a direção de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. (1929-30). O Mal-Estar na civilização. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1940-41[1892]). Esboços para a comunicação preliminar de 1893. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GREEN, A. (1988). Sobre a Loucura Pessoal. Rio de Janeiro: Imago.

LACAN, J. (1938). Os complexos familiares na formação do indivíduo. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é relevada na experiência psicanalítica. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. (1956-1957). A relação de objeto. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, J. (1957-1958) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. (1958). A significação do falo. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. (1958-1959). O desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN, J. (1959-1960) A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

LACAN, J. (1960-1961). A transferência. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

LIMA, P. S. N. P. A dor e o fenômeno psicossomático. Revista De Psicanálise Stylus, v. 1, n. 42, 2023, 93-103. Disponível em: [doi.org/10.31683/stylus.v1i42.952](https://doi.org/10.31683/stylus.v1i42.952). Acesso em: 29 mar. 2026.

MENEZES, L. S. Desamparo. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

MOURA, M. D. Psicanálise e urgência subjetiva. Psicanálise e hospital. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.